

Desafiando os problemas: Um diálogo entre Filosofia, Educação e Artes Marciais

Challenging the problems: A dialogue between philosophy, education and martial arts

Felipe Araujo Fernandes
Doutorando do PPGF/UFRJ

RESUMO: O objetivo desse artigo é construir um diálogo entre filosofia, ensino e artes marciais. Nosso primeiro objetivo é combater a ideia de que a filosofia é uma atividade meramente teórica. Defendemos que é uma atividade prática (ou deveria ser) tanto quanto as atividades físicas, voltada para resolver os problemas reais da vida. Nesse sentido, apresentamos a atividade filosófica como uma espécie de arte marcial, uma vez que ela possui essa dupla natureza: a artística e a combativa. A partir disso iremos apresentar uma perspectiva que extrai os ensinamentos pedagógicos das artes marciais, em especial a Capoeira e o Kung Fu.

PALAVRAS-CHAVE: FILOSOFIA; EDUCAÇÃO; ARTES MARCIAIS; CAPOEIRA; KUNG FU.

ABSTRACT

The purpose of this article is to build a dialogue between philosophy, teaching and martial arts. Our first objective is to combat the idea that philosophy is a purely theoretical activity. We argue that it is a practical activity (or should be) as much as physical activity, aimed at solving the real problems of life. In this sense, we present philosophical activity as a kind of martial art, since it has this dual nature: artistic and combative. From this we will present a perspective that draws the pedagogical teachings of martial arts, especially Capoeira and Kung Fu.

KEYWORDS: PHILOSOPHY; EDUCATION; MARTIAL ARTS; CAPOEIRA; KUNG FU.

INTRODUÇÃO

Para muitas pessoas a filosofia é uma atividade contemplativa por excelência, uma atividade teórica, portanto, uma tarefa restrita a uma parcela muito pequena da sociedade; os sábios. Ou seja, está restrita aqueles que dispõem de tempo, condições financeiras e competência para realizar tal função.

Essa concepção tem duas consequências muito graves:

1) Fica a impressão é que o filósofo é um mero teórico, uma pessoa que vive no “mundo das Ideias”, afastados dos problemas reais

da sociedade. Ou seja, o filósofo vive no “mundo da lua” e a filosofia parece algo inútil, justamente por não tratar de problemas da vida prática.

2) A atividade filosófica parece, sob essa perspectiva, uma atividade exclusiva de uma parcela abastada da sociedade, uma atividade restrita a pessoas muito capazes intelectualmente, que dispõem de tempo e dinheiro para se dedicarem a essa tão difícil e elevada tarefa. Com isso, a maioria esmagadora da sociedade é (ou se sente) privada de se apropriar das ferramentas filosóficas.

Quando transportamos essas concepções para o ambiente escolar atual, sobretudo na rede pública de ensino, a situação é ainda mais grave. Os estudantes simplesmente não “querem saber” de filosofia, a consideram extremamente difícil, “coisa de maluco”, inútil, distante de sua realidade ou antiquada. A pergunta que emerge por parte deles é: “O que isso vai servir na minha vida?”

E durante muito tempo essa pergunta ficou sem resposta. Ou, ao menos, sem uma resposta satisfatória para estes estudantes, já que a vida real exige deles um pragmatismo, exige uma utilidade para tudo. Se a filosofia não é capaz de oferecer isso ela tende a ser descartada.

A nossa compreensão de filosofia é justamente outra. Para nós, a filosofia não pode ser vista como uma atividade meramente teórica, descolada da vida real. Defendemos a filosofia enquanto práxis, enquanto uma atividade ligada à vida prática, à vida real.

Entendemos a filosofia enquanto uma atividade que cria soluções para os problemas, uma espécie de arte de criar ferramentas para lidar com as dificuldades da vida. E entendemos que foi justamente isso que fizeram os grandes filósofos. Todos os grandes filósofos se dedicaram a pensar questões que eram grandes problemas da sociedade, problemas reais da vida. E, para isso, inventaram uma metodologia capaz de lidar de forma eficaz com esses problemas dos mais diversos.

Se hoje a filosofia não é vista desta maneira, isso ocorre por um motivo óbvio: é interessante para uma parcela da sociedade que o restante dela (a maioria) veja a filosofia como algo inútil ou afastado de suas vidas, afastado da vida da maioria da população mais oprimida e explorada. Há um interesse de que nossos estudantes não se dediquem a essa ferramenta tão importante. Inclusive, sabemos que a filosofia segue sofrendo recorrentes ameaças e ataques.

Esse artigo pretende, portanto, elaborar um pouco sobre essa nossa concepção de filosofia e como a compreendemos enquanto uma atividade prática, tal como são as atividades físicas. Nesse sentido, apresentamos a atividade filosófica como uma espécie de arte marcial, uma vez que ela possui essa dupla natureza: a artística e a combativa.

A partir desse pressuposto iremos apresentar uma perspectiva pedagógica, baseada nas experiências metodológicas inspiradas nos princípios extraídos das artes marciais, em especial a Capoeira Angola. Esperamos com esse artigo contribuir com o debate sobre a importância do ensino de filosofia, mas, mais que isso: esperamos propor uma forma de se apropriar da filosofia que fuja desse estigma que a ela foi atrelado. Queremos uma filosofia cheia de vida, uma filosofia criadora e inventiva, uma filosofia combativa, que enfrente os problemas da vida real.

O que entendemos por filosofia?

Quando discutimos introdução à filosofia ou ensino de filosofia é preciso explicarmos o que entendemos por filosofia. Definir filosofia é o primeiro passo para falarmos sobre filosofia. Diferente de outras disciplinas, como história, artes ou medicina, as pessoas nem sempre estão familiarizadas com esse termo, exigindo que nós, professores e filósofos, tenhamos essa preocupação.

Muitas são as definições que podem ser dadas para a atividade filosófica. E nem todas são compatíveis, há, na verdade, muitas divergências. Afinal, a função da filosofia não é buscar sempre a conciliação, a sua tradição é, na realidade, a do embate, do confronto de ideias. E, como em muitas outras áreas da vida, na filosofia também há disputas; há sempre uma força que se confronta com outra; uma vence e se estabelece, enquanto outra segue tentando impor-se.

Desse modo, sempre que fazemos uma escolha estamos deixando outras possibilidades de lado, ainda que momentaneamente. Acontece que na filosofia não se faz escolhas de forma gratuita; definir filosofia, desta ou daquela maneira, já é uma decisão filosófica. Sempre que optamos por uma linha de pensamento estamos tomando uma atitude filosófica, não se trata apenas de um mero ponto de vista, mas de uma tomada de posicionamento. Uma decisão não apenas filosófica, como também pedagógica e política. Em outras

palavras, a nossa definição de filosofia diz muito sobre a nossa filosofia, nossa pedagogia e nossa posição política.

A filosofia que apresentaremos aqui não é a filosofia do consenso, da repetição, da conservação do estabelecido. Pelo contrário; trazemos uma filosofia do conflito, do combate, da marcialidade. Nesse sentido, gostamos de aproximar nossa compreensão de filosofia com as artes marciais, porque enxergamos na filosofia essa dupla natureza: a artística e a marcial.

Em se tratando de uma atividade artística, a filosofia não pode ser reduzida a uma mera repetição de ideias e falas de filósofos anteriores. O fazer filosófico é uma atividade tal como o fazer do artista, ou seja, trata-se de uma prática criativa, inventiva, que não se limita a contemplar o mundo, mas, busca intervir no real. Assim como o artista, o filósofo também é afetado pelo mundo, o digere, elabora sobre aquilo que o afeta e, necessariamente, devolve ao mundo o fruto dessa afetação. A diferença é que a obra produzida pelo filósofo são os conceitos filosóficos.

A função da filosofia não é, portanto, a de repetir interpretações de mundo já propostas por filósofos ao longo de sua história e muito menos memorizar datas, nomes e termos estrangeiros, procedimento tão comum nas salas de aula. Filosofar é, como defendem Deleuze e Guattari, criar conceitos (DELEUZE & GUATTARI, 1992). A tarefa do filósofo não é de mera reprodução, mas invenção.

Fazer filosofia é trabalhar com a criação, seja na proposição de novos conceitos que servirão para responder a problemas e questões que se apresentam no horizonte, seja no pensar de maneira diferenciada (criativa) problemas e conceitos sobre os quais os filósofos anteriores se debruçaram. Com isso, o exercício filosófico não exclui o estudo da História da Filosofia, mas este estudo também não pode ser entendido como centro do processo filosófico e do ensino-aprendizado da filosofia.

Arte e filosofia guardam em comum essa característica: a necessidade da criação. Não há arte em apenas reproduzir o que já foi criado, ainda que essa repetição possa ser executada a partir de técnicas e habilidades excepcionais. Um pianista que executa obras de Beethoven de maneira idêntica àquela aparentemente idealizada pelo compositor, seguindo do modo o mais fiel possível as indicações da partitura, não é necessariamente um artista criador.

Entendemos a filosofia como uma atividade viva, que lida com as coisas da vida. Os filósofos não podem se limitar a serem “coveiros” – para usar uma metáfora de Nietzsche –, cuidadores de mortos, cada um velando e protegendo ferozmente os corpos de seus ídolos mortos e seus problemas mortos. A academia se tornou como que um cemitério, onde os coveiros pouco se entendem, com suas linguagens cansativas e sem vida, se esforçando para que seus mortos se conservem como tais. Contra isso defendemos uma filosofia enquanto atividade viva e criativa; artística.

Essa “filosofia de coveiros” afasta nossos estudantes, porque estes são cheios de vida e querem coisas que sirvam para suas vidas. Um ou outro até pode ter interesse em se dedicar a estudar esses conceitos e suas datas e nomes, mas, para a maioria a pergunta “No que isso vai servir na minha vida?” segue legítima e pertinente.

Esse questionamento traz à tona a segunda natureza que identificamos na filosofia: a marcial. Se compreendemos a filosofia como aquela que cria ferramentas para lidar com os problemas vivos da vida, consequentemente, ela precisa ter uma intervenção no mundo. A filosofia não pode ser apenas uma interpretação do mundo, não pode apenas aceitar o mundo tal como ele se apresenta. A filosofia, nessa perspectiva, busca intervir no real, transformá-lo. Há, portanto, uma natureza combativa na atividade filosófica, visto que ela enfrenta e desafia os problemas, não aceitando o estado “natural” das coisas. A atividade filosófica é, por excelência, uma atividade belicosa, combativa, agonística.

Uma teoria é como uma caixa de ferramentas. Nada tem a ver com o significante... É preciso que sirva, é preciso que funcione. E não para si mesma. Se não há pessoas para utilizá-la, a começar pelo próprio teórico que deixa então de ser teórico, é que ela não vale nada ou que o momento ainda não chegou. Não se refaz uma teoria, fazem-se outras; há outras a serem feitas. E curioso que seja um autor que é considerado um puro intelectual, Proust, que o tenha dito tão claramente: *tratem meus livros como óculos dirigidos para fora e se eles não lhes servem, consigam outros, encontrem vocês mesmos seu instrumento, que é forçosamente um instrumento de combate.* (FOUCAULT, 1979, p.71)

Esse trecho trata-se de uma conversa entre Foucault e Deleuze, intitulado “*Os intelectuais e o poder*”, que consideramos bem interessante. Concordamos com a ideia apresentada de que as teorias devem ter uma utilidade, devem servir. Entendemos a filosofia como uma caixa de ferramentas; um conjunto de instrumentos que utilizamos de acordo com a necessidade, de acordo com os problemas que emergem.

Se pensamos essas duas naturezas da filosofia agindo ao mesmo tempo, podemos afirmar que o filósofo tem (ainda que só potencialmente) uma atividade análoga ao do artista marcial. O filósofo é aquele que cria e que combate. Aquele que atua no campo da criação artística e do enfrentamento, em outras palavras, ele cria ferramentas para enfrentar os problemas-adversários que se apresentam diante dele.

Entendemos, portanto, a filosofia como criação de conceitos e, por sua vez, os conceitos como ferramentas para solucionar problemas. Essas ferramentas são forçosamente instrumentos de combate, armas e armaduras, para enfrentar os mais diversos problemas da vida, as adversidades que se colocam diante de nós. Essa definição nos parece interessante porque sintetiza essas duas esferas da atividade filosófica.

Nessa perspectiva não é forçosa nossa compreensão do filósofo enquanto artista e guerreiro; o filósofo como artista marcial. Essa ideia não está presente apenas em Deleuze, Nietzsche, Proust. Vários outros autores da filosofia se dedicaram a pensar a importância da arte e da belicosidade, podendo citar como exemplo Nicolau Maquiavel e seu livro a Arte da Guerra, bem como o estrategista de guerra chinês Sun Tzu, que escreveu, milhares de anos antes, um livro de mesmo nome. Essa belicosidade também podia ser vista nos filósofos gregos da antiguidade, não apenas em sua criação literária, em suas práticas esportivas, em suas disputas e competições, mas nas guerras propriamente ditas.

O fato é que as artes marciais fazem parte de toda humanidade, visto que todos os povos precisaram, em algum momento, se colocar diante da tarefa de inventar formas de lidar com a experiência de combate, de guerra. Cada povo desenvolveu diferentes práticas de enfrentamento das adversidades: práticas corporais de combate, armas e armaduras, táticas e estratégias. E cada

uma dessas práticas tinha, obviamente, uma base filosófica que servisse de terreno para a cultura na qual estavam inseridas.

Um exemplo emblemático é o Kung Fu, que é uma arte milenar chinesa de prática marcial, mas que, de modo algum, está limitada às técnicas de combate corporal, ou mesmo às técnicas e estratégias militares de confronto. O Kung Fu possui uma base filosófica profunda que se expressa na forma como seus praticantes olham o mundo, os outros, a si mesmos e como lidam com as adversidades oriundas da vida em sociedade.

No Brasil, temos um exemplo excelente de arte marcial: a capoeira. Uma arte criada pelos diferentes povos que aqui viviam em condições de vida adversas à liberdade. A capoeira foi se desenvolvendo como uma prática de autodefesa, uma arte de guerra, para enfrentar as duras condições em que a população africana escravizada (e as gerações seguintes) vivia aqui.

Para além do debate da capoeira ser uma arte desenvolvida em solo brasileiro, nos interessa pensar também algo de sua constituição que a difere, ao nosso ver, da maioria (ou todas) das outras artes marciais que temos acesso hoje: a capoeira possui uma condição triádica; luta-jogo-dança.

Essa dimensão trina evidencia o caráter artístico e combativo da capoeira. Ainda que os desenvolvedores e praticantes da capoeira não sejam, em geral, reconhecidos como filósofos, a nossa defesa é que podemos extrair da capoeira importantes lições, ensinamentos, técnicas, conceitos e metodologias, que nos ajudam a lidar com os problemas da vida real. Em outras palavras, a capoeira nos oferece um conjunto sofisticado de ferramentas conceituais, que nos permite intervir no mundo, no sentido de transformá-lo e não apenas aceitá-lo tal como se apresenta. Elementos estes muito importantes para serem usados em sala de aula, sobretudo após a lei Nº 11.645, de 10 Março de 2008, que reconhece a importância do estudo das lutas da população negra e indígena.

Cabe a nós nos debruçarmos sobre essas ferramentas, para extrair delas o que elas podem nos oferecer de melhor. Nesse sentido, recorreremos aos filósofos reconhecidos pela academia para reforçar nossas posições, porém entendemos que muitos desses ensinamentos e conceitos poderiam ser extraídos de tradições muito anteriores, como o Kung Fu ou a capoeira. Assim, entendemos que há nas artes marciais conceitos filosóficos sofisticados que nem sempre a

academia se debruça e que, por vezes, só são reconhecidos quando tratados por autoridades acadêmicas.

O corpo e a aula de filosofia

Já está evidente que teoria e prática não estão separadas em nossa compreensão de filosofia. Da mesma maneira, entendemos ser fundamental apresentar a ideia de que o trabalho filosófico está intimamente ligado ao corpo. O filósofo não é alguém que vive no “mundo da lua”, ele está presente no mundo real, com todas as suas dores e prazeres.

Se queremos conversar com os adolescentes é preciso compreender a importância do corpo para eles. Vivemos em um mundo extremamente corporal e erótico, objetificador e sexualizado, não há como “competir” com esse apelo usando os atuais métodos pedagógicos: sentar, copiar, repetir, memorizar, obedecer a, etc.

A sociedade em que vivemos é extremamente pragmática e consumista, transforma quase tudo em objeto, em mercadoria. Ser bem-sucedido nessa sociedade é poder comprar, consumir, usar, ter. Um dos valores centrais do capitalismo é o dinheiro, o poder de compra, o acúmulo do capital. Desse modo, se apresentamos a filosofia como uma tarefa de reflexão apenas, ela vai parecer totalmente deslocada do mundo real da maioria dos adolescentes, afinal, os problemas dos jovens de hoje não são os problemas de Parmênides ou Platão, pelo menos esses problemas não surgem como angústias da mesma forma nesses distintos casos; ou são outros problemas ou, no mínimo, os problemas se apresentam de forma diferente, afetam de forma diferente.

Os problemas não podem ser deslocados de épocas e países distantes e empurrados goela abaixo. Problema, para a filosofia, é angústia, é aquilo que nos coloca em crise, que tira o nosso sono, que nos coloca em movimento, que nos faz gritar. Algumas filosofias até tentam mortificar o corpo, mas, o corpo sempre insiste soberano.

Se pensamos os estudantes da rede pública estadual (no nosso caso, nas periferias do Rio de Janeiro), a situação é ainda mais latente. São mais de quarenta adolescentes no auge da puberdade trancafiados dentro de uma sala de aula, presos em um uniforme, copiando horas do quadro, memorizando fórmulas, nomes científicos e regras, que eles não conseguem compreender a importância a

“utilidade”. Enquanto isso, seu corpo sente calor, frio, dor, coceira, fome, sede, tesão...

Uma teoria, criada por um velho da aristocracia grega clássica, até pode interessar, mas, o mais provável é que ela pareça inútil, difícil e cansativa. É por isso que escolhemos trabalhar a filosofia a partir de problemas e não através da história da filosofia, ou mesmo por temas.

Não é possível impor perguntas, vontades ou desejos nos outros, da mesma forma que não é possível impor problemas filosóficos. O primeiro papel do professor é, portanto, perceber seu estudante, perceber quais problemas ele traz, o que o mobiliza a viver, a lutar. É a partir dos problemas que os estudantes têm que é possível criar essa ponte entre o não-filosófico e o filosófico. Esse é debate central quando falamos de introdução à filosofia, independente do ambiente. O filosófico deve sempre dialogar com o não filosófico; nunca pode se encerrar nas torres de marfim dos iniciados.

O corpo é um “território” comum; todos temos corpos, todos temos em comum as necessidades do corpo. O primeiro passo, portanto, é perceber o que dizem os corpos: como andam, como dançam, como se sentam, como se vestem, como flertam, como brigam, como mentem, como sorriem, como gritam... essas características variam de indivíduo para indivíduo, variam de acordo com a turma, com o turno, com a escola, com a região da cidade, o país. Variam de acordo com a cultura, a classe social, a época.

Obviamente que a rede pública de ensino no Brasil não permite fazermos um trabalho à altura, personalizado para cada aluno; seria magnífico, mas não é a realidade. O que fazemos, então, é buscar diversificar o máximo a abordagem, para contemplarmos quanto mais estudantes seja possível. Essa etapa é a etapa de sensibilização; de tocar na sensibilidade mesmo, de provocar, incomodar, por vezes, irritar, chocar, emocionar, instigar, divertir. É preciso mexer com os sentidos (com o corpo e a alma).

A ferramenta mais eficaz (ao nosso ver) para realizar essa tarefa é a utilização da arte, de diversos tipos de linguagens artísticas: cinema, literatura, música, teatro etc. Através da arte provocamos nossos estudantes a trazerem problemas. Por vezes, problemas que eles estão acostumados a pensar e falar, outras vezes problemas que são tabus (como a morte, a homossexualidade, a fé), ou problemas

que sequer emergiram enquanto problema para eles, por mais que faça parte de seu cotidiano.

A arte não ativa apenas o problema, ela cria uma atmosfera onde o estudante se sente mais seguro e à vontade para se expressar, para elaborar. Muitas vezes os estudantes falam através da poesia, coisas que jamais falaria em uma prova; por motivos óbvios. A arte ajuda a colocar esse grito entalado que é o problema para fora, para, em um segundo momento, trabalharmos ele.

A tarefa de sensibilizar os alunos para os problemas filosóficos não é uma tarefa nada fácil. Talvez seja a etapa mais difícil de todo o percurso (cativar os alunos), tendo em vista que é o primeiro desafio que encontramos enquanto educadores. A dificuldade se potencializa uma vez que a disciplina Filosofia não ocupa um lugar de destaque dentro da grade de disciplinas do Ensino Básico, sobretudo nas escolas públicas estaduais, onde as dificuldades são muitas e as mais diversas. Esse problema remonta a como entendemos a filosofia, como já mencionamos. Se a entendemos como uma atividade meramente contemplativa, é muito provável que os adolescentes dificilmente tenham interesse por ela, uma vez que o mundo nos bombardeia com exigência utilitaristas, e a filosofia não seria capaz de responder a essa demanda. Nossa intenção não é rebaixar o nível de rigor e profundidade dos problemas, da filosofia e nem tão pouco transformar a filosofia num manual de autoajuda, como muitos tentam fazer; ou, ainda, simplesmente justificar sua importância a partir do crescente número de questões de História da Filosofia que têm surgido nos vestibulares. Esses seriam desserviços à filosofia, ao nosso ver. Para nós, a filosofia deve ser radical e questionar, inclusive, porque existe vestibular, em vez de todos terem o direito de continuar estudando.

Cabe a nós, justamente, subverter a ordem, e mostrar que a filosofia tem um papel fundamental na forma como enxergamos o mundo, na forma como nos enxergamos no mundo e na forma como enxergamos o mundo que queremos no futuro. Justificar a filosofia com a própria filosofia funciona apenas para uma parcela muito pequena, que, por algum motivo, decidiu se dedicar a ela. Mas, para a imensa maioria das pessoas, a questão “o que isso vai ajudar na minha vida?” é uma questão honesta e até filosófica, pois é como uma centelha, como a semente de um grito. Esse “grito” expressa uma espécie de tensionamento, um choque de interesses entre estudantes e

professores, entre estudantes e o sistema educacional, entre estudantes e a sociedade que diz o que eles devem ou não estudar. Da mesma maneira que o professor, o estudante também entra na sala de aula com algumas bagagens adquiridas no decorrer de sua vida, inclusive algumas convicções, seja no campo da filosofia, da pedagogia ou da política.

Essas compreensões podem ter sido adquiridas de forma consciente ou não. Na maioria das vezes os estudantes entram na sala com suas convicções, sem necessariamente tê-las elaborado plenamente. Recorrentemente essas convicções se chocam com as filosofias, pedagogias e políticas dos professores. Quando ocorre esse embate, é certo que não ocorre ensino, mas, quando ao menos um destes coincide, as conversações tornam-se possíveis. Um aluno pode discordar da filosofia do professor, mas se identificar com sua pedagogia, ou ainda discordar de seu método pedagógico, mas se interessar pelo problema filosófico que está sendo levantado naquela ocasião. Deleuze dá um exemplo de um aluno que está meio adormecido durante a aula, mas que acorda misteriosamente justamente quando o professor trata de uma questão que é interessante para esse aluno, ou seja, quando o professor tratou de um problema que lhe diz respeito. É fundamental que professor e aluno tratem do mesmo problema. Quando professor e alunos tratam de problemas diferentes, não há conversa, quando muito haverá um duelo de convicções, ou o aluno permanecerá o restante da aula adormecido.

Por isso entendemos que a atividade filosófica consiste em se esforçar para que haja, quanto mais possível, uma coincidência de problemas, ou seja, que os problemas dos quais trata o professor dialoguem com os problemas que incomodam os estudantes, e que também quando isto não for possível, que as linguagens artísticas ajudem no processo de sensibilização para problemas que estão adormecidos, por qualquer motivo. Para que esse processo aconteça com mais frequência e precisão é necessário que o professor esteja atento à realidade dos estudantes, é necessário abertura para as vivências dos estudantes, escutar os estudantes, o que seus corpos falam, o que toma seus pensamentos.

Ressaltamos que quando falamos sobre “usar o corpo” não estamos falando apenas sobre colocar os alunos em círculo ou fazer um aquecimento e depois começar a “jogar matéria no quadro”. Quando falamos da importância do corpo trata-se de pensar os

conceitos filosóficos enquanto ferramentas para trabalhar o “grito”, o problema.

Nesse sentido, a aula de filosofia começa como toda atividade física, com “alongamento e aquecimento”. A filosofia exige um alongamento e um aquecimento das atividades mentais, que são intrínsecas às atividades corporais. Como já apontamos, essa proposta sempre está em tensão com a realidade da rede pública de ensino, pois esbarra nas burocracias, normas e preconceitos que a escola tradicional sustenta. Contudo, compreendemos esta como a postura mais compatível com a proposta filosófica que defendemos.

Nessa proposta metodológica de trazer o corpo para a sala de aula, temos muito o que extrair das artes marciais. As artes marciais, ou ao menos a maioria delas, trabalham em sintonia a relação corpo e mente, teoria e prática. O artista marcial precisa unir corpo e mente, teoria e prática, emoção e razão. Um artista marcial muito forte ou veloz pode ser derrotado em uma situação de combate porque o seu adversário usou uma estratégia melhor, ou ainda porque se manteve mais calmo.

Ou seja, estar sensível e atento é condição fundamental tanto para o artista marcial quanto para o filósofo, é preciso saber perceber a si mesmo e o mundo, para saber como lidar com os problemas. E essa sensibilidade pode ser trabalhada, por mais que a sociedade tente nos tornar insensíveis, robóticos, mecanizados, enferrujados no corpo, na mente, nas emoções, na ação política. Quando estamos sensíveis, atentos ao que acontece conosco, estamos mais aptos a saber como reagir em cada situação, que ferramenta utilizar, como utilizar, ou, ainda, se é necessário criar novas ferramentas.

A sala de aula como oficina de criação

Seguindo essa metáfora dos conceitos filosóficos como ferramentas, poderíamos dizer que seria oportuno que a sala de aula se transformasse em uma oficina, um atelier de criação, onde se aprende a usar as várias ferramentas que dispomos (ARAUJO & CEPPAS, 2017). Cada ferramenta serve para resolver um problema específico. Se precisamos pregar usamos o martelo, se precisamos cortar algo usamos o serrote, mas se precisamos colorir usaremos o pincel. Se sentimos necessidade de uma cadeira, e decidimos construir uma, não

poderemos fazê-la apenas com martelo, ou com serrote. As ferramentas são usadas conforme percebemos os problemas a serem resolvidos.

Com a filosofia não é muito diferente. Temos um problema e queremos resolvê-lo. Antes de nós vários filósofos desenvolveram ferramentas (conceitos) muito eficientes, o que nos permite construir as mais diversas variedades de artefatos, porém, as necessidades não são as mesmas sempre, sempre se apresentam novos problemas, o que nos exige construir novas ferramentas específicas, para resolver problemas também específicos. A aula de filosofia pode ser vista como uma oficina de manuseio dos conceitos, a "antessala da atividade filosófica". E o professor é aquele que vai apresentar as ferramentas para os alunos, explicar como cada uma delas pode ser usada, como funcionam melhor. Nesse sentido, o mestre em nada tem de diferente do discípulo, a não ser no fato de utilizar as ferramentas há mais tempos que a maioria deles. Desse modo, o professor é um artífice tal como os alunos, apenas mais um artífice que aprende no exercício prático de sua atividade e nesse exercício faz os outros aprenderem também.

Cada um irá descobrir a sua maneira de fazer, alguns mais interessados em escultura, outros na marcenaria, outros na carpintaria. Cada aluno, ainda, imprimirá seu estilo na obra, cada um deixará sua assinatura, que expressa seu modo de ver, de fazer, de construir o artefato, e, portanto, seu modo de se relacionar com o mundo e com os problemas que há nele.

Primeiro, todo conceito é necessariamente assinado; cada filósofo, ao criar um conceito, ressignifica um termo da língua com um sentido propriamente seu. (...) A assinatura remete ao estilo filosófico de cada um, à forma particular de pensar e de escrever. "O batismo do conceito solicita um gosto propriamente filosófico que procede com violência ou com insinuação, e que constitui na língua uma língua da filosofia, não somente um vocabulário, mas uma sintaxe que atinge o sublime ou uma grande beleza". A partir disso, Alliez criou a bela imagem da filosofia como uma "assinatura do mundo": cada filósofo assina o mundo à sua maneira, por meio dos conceitos que cria. (GALLO, 2003, p. 25)

O professor é aquele que não apenas apresenta os conceitos. É também alguém que, além de explicitar a atividade criativa da filosofia, encoraja e estimula os estudantes à reelaborarem criativamente estes conceitos apresentados e espera também que eles criem os seus próprios conceitos. Tal como um discípulo de uma arte marcial que aprende com seu mestre, mas que não pode imitar os movimentos daquele como se fosse uma coreografia e esperar que sejam efetivos em uma situação real de confronto. O mestre de artes marciais irá ensinar “golpes”, mas saber os golpes não é suficiente. Tem algo na relação mestre-discípulo que extrapola a ideia engessada que temos de professor como alguém que passa informações.

O mestre é aquele que estimula seus discípulos a que eles próprios descubram seu jeito de usar as técnicas transmitidas, imprimir sua “assinatura” na forma de usar os golpes, sempre com legitimidade, autenticidade, autonomia. O bom mestre deseja que seu discípulo não fique preso a ele para sempre, na verdade, se possível que ele aprenda e se torne um mestre, ou seja, que ele dê continuidade nessa tarefa que é educar. O bom discípulo, por sua vez, não guarda para si os ensinamentos, ele o transmite para as próximas gerações e as utiliza para intervir no real. Toda arte marcial é, nesse sentido, uma arte de viver bem, de tentar plasmar-se no mundo, de resolver os problemas que se apresentam.

Os conceitos e problemas caminham sempre juntos, o problema exige um conceito, grita por uma solução. O processo seguinte é justamente organizar esse conjunto de ferramentas, de modo que o problema seja solucionado. Há então uma relação entre o não-filosófico, o pré-filosófico e o filosófico. Por isso, só saber usar as ferramentas não garante nada, é necessário ter claro o que se deseja construir, qual problema se deseja responder, de que forma desejamos intervir no mundo.

(...) a criação de conceitos é uma forma de transformar o mundo; os conceitos são as ferramentas que permitem ao filósofo criar um mundo à sua maneira. Por outro lado, os conceitos podem ainda ser armas para a ação de outros, filósofos ou não, que dispõem deles para fazer a crítica do mundo, para instaurar outros mundos. (...) Que não se faça uma leitura idealista do conceito: não se trata de afirmar que é uma idéia (conceito) que funda a realidade; num sentido completamente

outro, o conceito é imanente à realidade, brota dela e serve justamente para fazê-la compreensível. É por isso que o conceito pode ser ferramenta tanto de conservação como de transformação. O conceito é sempre uma intervenção no mundo, seja para conservá-lo, seja para mudá-lo. (GALLO, 2008, p. 35-36).

Os conceitos são, portanto, ferramentas analíticas porque nos permitem uma releitura do mundo, mas não somente isso, são também ferramentas de intervenção no mundo. Assim, está posto que não devemos filosofar apenas com uma lente de aumento, mas também com um martelo, como nos impele Nietzsche. Em outras palavras, a filosofia não se esgota em uma interpretação da realidade, é também modificação da mesma, como defende Marx na 11ª tese sobre Feuerbach (MARX & ENGELS, 1975, p. 24), o que sugere que toda análise da realidade é uma tomada de decisão por interferir na própria realidade.

Interferir na realidade não é necessariamente mudá-la, pode também ser mantê-la tal como está. Evidentemente, nem todo filósofo está preocupado em revolucionar o sistema, alguns utilizam as ferramentas conceituais da filosofia para perpetuar o *status quo*. Em qualquer um dos casos trata-se de uma atuação ético-política, pois coloca em perspectiva as atuações e decisões reais da sociedade, não questões alheias à sociedade.

Essa oficina de criação é um dos ambientes onde se dá, na maioria das vezes, o primeiro contato com os conceitos filosóficos. Produzir soluções para os problemas não quer dizer que todos os estudantes vão construir ferramentas (conceitos) novas durante as aulas. Essa não é a situação mais provável, mas, este é um espaço onde podemos confrontar problemas que provavelmente não nos provocariam em outro ambiente. Dessa forma, a aula de filosofia tem uma condição específica e privilegiada: ela busca apresentar e enfrentar os pré-conceitos, ou seja, aqueles conceitos que aceitamos sem sequer refletir, que engolimos calados, que nos empurraram goela abaixo. O professor de filosofia é, para nós, um provocador. Não um provocador barato, que apenas quer desestabilizar e desconstruir, mas que provoca e convida para pensar sobre essa provocação, que apresenta ferramentas para lidar com o desconforto causado e que

entende que a única forma de superar os pré-conceitos é através do uso consciente dos conceitos.

Isso não vai funcionar para todos! Há problemas que tocam alguns e não tocam outros, ou, para ser mais preciso, para algumas pessoas algo é um problema e para outros não, é apenas algo naturalizado.

Nesse instante, chegamos a um ponto importante dessa discussão que é o uso das ferramentas para a construção de nós mesmos, como nos sugere Sônia Campaner, em *Filosofia: ensinar e aprender* (2012). Primeiramente, porque a experiência de dizer o que se pensa, de ouvir nossas próprias palavras e ouvir as palavras dos outros (enquanto a tradução de nossos pensamentos) é essencial na medida em que ela é a síntese de todo processo de formação de conteúdo. Essa experiência é a forma como nós, humanos, formamos nossa cultura e compreendemos o sentido de falar e ouvir as palavras um dos outros. A radicalidade do questionar, se dirige às fontes que alimentam as formas pelas quais nos comportamos, vivemos e conhecemos, por isso a importância para a atividade filosófica, e, portanto, para a aula de filosofia.

Esse exercício de gritar, de recorrer à caixa de ferramentas para sanar a angústia do problema que nos persegue, gera riscos: descobrir as falas de nossos próprios pensamentos, descobrir as mentiras sociais e pensar o que fazer com essas descobertas. Insistimos em dizer que a escolha da filosofia que seguimos é inseparável da prática didática que realizamos, e, portanto, dos conteúdos com os quais decidimos trabalhar. Podemos muitas vezes tomar esta decisão de forma não tão consciente, não tão elaborada, mas concordamos com Sônia Campaner (2012) quando ela diz: “Ao escolher o modo como vamos ensinar (as estratégias didáticas), assumimos uma concepção de Filosofia. Não é possível, portanto, fazer escolhas de conteúdo e de didática separadamente”. Da mesma maneira, acreditamos não ser possível fazer escolhas filosóficas e didáticas separadas das escolhas políticas. Ou seja, defendemos que a prática docente não se resume a pensar uma prática docente inovadora dentro da sala de aula, pois a sala de aula é um reflexo da sociedade, que é cheia de problemas estruturais. É necessário por isso estar sensível a pensar toda a problemática da educação no mundo moderno, um mundo que é utilitarista, tecnicista, consumista, enfim,

capitalista. Então há que se pensar a didática, unida à Ética, à Política, à Estética; à Filosofia de uma forma geral.

Capoeira e educação

As artes marciais têm muitos elementos que podem ser extraídos e incorporados ao ambiente de sala de aula. Nas artes marciais a dimensão corpo-mente se apresenta de forma não divorciada. Além disso, há um respeito pela figura do “educador”, o mestre, e na relação com seus discípulos. É nessa relação que se garante a continuidade dos ensinamentos construídos e acumulados.

Não existe capoeira sem educação. O processo de transmissão da capoeira se dá por meio da educação e de metodologias pedagógicas específicas. E, ainda que haja algumas diferenças de acordo com o mestre, os discípulos ou as tradições de cada estilo, linhagem ou grupo de capoeira, não é possível haver capoeira sem um processo pedagógico bem específico.

Na verdade, toda arte marcial tem como base a ideia de educação, no sentido de que são transmitidas informações daqueles que têm mais vivência com os fundamentos da tradição, para aqueles que têm menos experiência com esses fundamentos. Não é à toa que as artes marciais mais tradicionais ainda utilizam os termos mestre e discípulo, ainda que esses termos sejam, muitas vezes, mal vistos em nossa sociedade atual, que reduz o professor a uma função técnica ou de mero “mediador”, como muitos afirmam.

As artes marciais são muito mais que apenas técnicas de autodefesa e de preparo físico, ainda que para muita gente esses sejam motivos que atraem para a prática dessas atividades. Contudo, é importante distinguir arte marcial de defesa pessoal, práticas combativas, esportes de combate ou luta. É até possível que haja algumas dessas práticas dentro de uma arte marcial, mas, de modo algum, as artes marciais se limitam somente à autodefesa, por exemplo. Em verdade, em nossa concepção de arte marcial, mesmo o conceito de autodefesa, deve ser ampliado, afinal, sempre precisamos nos defender, porém, nem sempre as ameaças que vivemos no mundo contemporâneo se limitam a ameaças diretas ao corpo e, mesmo quando se trata desse tipo de ameaça, nem sempre a resposta pode ser dada através do combate corporal individual.

Pensemos o caso do racismo, por exemplo. Pode até ser verdade que uma pessoa que disponha de técnicas de defesa pessoal possa se sair melhor em uma situação onde tenha sua integridade física ameaçada. Contudo, não há nenhuma garantia que essa pessoa, por mais habilidosa marcialmente que seja, tenha condições de se defender de todas situações de risco como, por exemplo, quando as ameaças forem realizadas com armas de fogo, ou por um grande número de pessoas ou ainda por agentes da lei em abuso de poder ou operações de guerrilha urbana, como sabemos que recorrentemente acontece; e inocentes são vitimados, também recorrentemente. Sem falarmos das violências que não são diretamente contra o corpo, como é o caso das violências psicológicas, morais, políticas ou, ainda, quando o inimigo que nos ameaça ou agride não está visível. Nesses casos, como a arte marcial nos ajuda a nos defender?

É nesse sentido que é importante entendermos as artes marciais para além de sua esfera “marcial” corporal. As artes marciais são “arte” justamente porque têm uma natureza criativa, a capacidade de inventar novas formas de lidar com o mundo criativamente, de intervenção ativa no mundo. Nesse sentido, se faz tão importante a ideia da educação nas artes marciais.

As artes marciais nos educam para a vida, para enfrentar os mais diversos problemas da vida. E não fazem isso de forma mecânica, como receitas prontas, repetindo os mesmos golpes incansavelmente, todos praticantes de forma iguais, como máquinas. Pelo contrário, quando praticamos artes marciais percebemos a importância de nos colocar no mundo, de compreender a importância de estar no mundo de forma legítima, autêntica, ou seja, uma maneira que a pessoa descobrirá de como lidar com a vida e suas adversidades, de forma original, sincera, própria.

Nisso está o caráter pedagógico das artes marciais: não em repetir como robô os movimentos. Mas, em criar sua própria forma de se expressar e se colocar diante da vida. Isso não se adquire “da noite para o dia”, demoram anos. E também não se faz apenas lendo livros ou artigos sobre arte marcial; isso aprende-se na prática, no exercício diário da arte marcial, não apenas dentro de uma “academia”, mas, sobretudo, fora, na rua, na vida real. Não é à toa que tantos grupos de capoeira se chamam de escolas, porque, de fato, são espaços de aprendizado profundo, de preparo para a vida.

O mestre, portanto, não é aquele que vai se limitar a ensinar um conteúdo. Ele vai, na verdade, usar o conteúdo para ensinar alguma coisa muito mais profunda aos seus discípulos. Vai buscar desenvolver em seus discípulos a autonomia deles, a capacidade de eles próprios aprenderem, de cada dia mais desenvolverem suas respostas, suas saídas, suas soluções para as adversidades da vida.

No caso da capoeira, um dos elementos fundamentais é ensinar o capoeirista a desenvolver sua malandragem. Malandragem não se ensina, ela se desenvolve à medida que você tem experiências. Por isso os capoeiristas mais velhos estão sempre “provocando” os mais novos, com jogos, com armadilhas, com “pegadinhas”, pois é só dessa maneira que o capoeirista menos experiente desenvolve sua malícia, sua malandragem, sua arte de lidar com o inesperado de forma atenta e legítima.

A escola tradicional, institucional, até afirma isso em seus manuais: “em vez de ensinar conteúdos, devemos desenvolver habilidades e competências”. Contudo, na prática, o que se faz é justamente focar nos conteúdos e desestimular o desenvolvimento das habilidades e competências mais necessárias aos estudantes. Isso ocorre porque há um projeto político, como já apontamos anteriormente. A escola acaba cumprindo um papel de engessamento e embrutecimento do estudante, mutilando sua capacidade artística e, inclusive, sua capacidade marcial, visto que ele é proibido de desafiar essa estrutura, de enfrentar essas “autoridades”.

Esse é um dos motivos pelos quais trazemos as artes marciais para a sala de aula; porque entendemos que as artes marciais têm importantes ensinamentos para nos ajudar nessas tarefas como educador em uma estrutura tão enrijecida e adoecedora que é a rede pública, municipal e estadual. Obviamente, que essa não é tarefa fácil. Na verdade, seria muito mais fácil apenas “jogar matéria no quadro” e avaliar se o aluno “memorizou o conteúdo”. Contudo, entendemos que há nas artes marciais ensinamentos valiosos para os estudantes (e para os educadores), que podem ser usados na vida, dentro e fora dos muros da escola.

E, nesse sentido, a capoeira tem uma posição privilegiada para cumprir esse papel, em virtude de sua história. Não apenas por ser uma arte marcial brasileira, nem apenas pelo fato de ter em sua gênese a base cultural africana, nem apenas por ter emergido da população negra – assim como a maioria dos estudantes da rede

pública. A capoeira tem um papel fundamental no ensino porque ela dispõe de dispositivos que foram perdidos (ou melhor, sufocados) no decorrer da história, mas que cumpriram um papel fundamental na luta pela liberdade, na luta contra a escravidão, contra as opressões.

Um desses dispositivos é a roda. A roda não é apenas uma configuração espacial em forma de círculo. A roda é uma estrutura que aponta necessidade constante de atenção, a si e aos outros. Um capoeirista quando “faz uma roda” está construindo um território de atenção profunda e de acolhimento com todos aqueles que ali a compõem com ele. Quem entra na roda deve estar atento a tudo: aos sinais do mestre, aos toques do berimbau, à letra da canção cantada, à pessoa com quem você vai jogar, aos limites da roda.

A ideia de roda faz romper com a ideia de um individualismo, um egocentrismo, tão estimulados em nossa sociedade. A roda não pode ser um monólogo, antes é uma conversa, uma expressão da linguagem capoeira. Claro que é possível que haja pessoas que entrem numa roda e ignorem isso: não respondam “o coro”, não batam palma, não prestem atenção na mensagem passada pela ladainha, joguem fora do ritmo do berimbau, façam movimentos que não conversem com a pessoa que está jogando com você etc. Tudo isso é possível, mas, se ocorre, ocorre contra a ideia de roda, contra os fundamentos da capoeira. Assim como é possível um professor fazer uma aula em círculo, sob o argumento de todos se olharem e se escutarem e, na prática, ele silenciá-los os estudantes. Da mesma maneira, é possível uma aula em que as mesas seguem a estrutura formal da escola, mas haja um ambiente de escuta atenta, de troca, de respeito.

Como afirmamos, a roda não é meramente uma configuração espacial. É um dispositivo que potencializa o acolhimento. Um artista marcial, um capoeira, deve acolher, ou seja, deve estar aberto às situações externas e saber como lidar com elas, como responder a elas. Infelizmente, nem todas as práticas esportivas de combate estimulam isso.

Essa dinâmica da roda, se realizada como escuta ativa, favorece um ambiente ideal para o desenvolvimento de várias habilidades em todos os praticantes, independente em que local da roda esteja; um ambiente ideal para o ensino-aprendizagem. Na roda de capoeira se aprende cantando, tocando, ouvindo, olhando, jogando e, fazendo isso, ao mesmo tempo, se ensina.

Essa atenção constante nos segue em nossa vida, nos dá uma malandragem, uma malemolência para lidar com as turbulências da vida. Nos dá também uma humildade, porque nos faz ver que ao mesmo tempo em que aprendemos muito, ainda têm situações em que levamos rasteiras da vida; muito mais ainda temos a aprender. Nos damos conta da nossa pequenez, diante da imensidão do mundo e de seu movimento.

E quando um capoeira leva “uma rasteira” o jogo não termina, o juiz não dá a medalha de vencedor para o seu adversário. O “vencer ou perder” da capoeira não é medido por golpes, quedas ou pontos. A lógica da “vitória e derrota” na capoeira não é a mesma das práticas esportivas de combate, não é a mesma do mundo competitivo e consumista do capitalismo, ao menos não nos grupos mais tradicionais de capoeira, e nas linhas de capoeira que defendemos, como é o caso da Capoeira Angola.

Quando um capoeira leva uma rasteira ele “dá a volta ao mundo”. Percorre toda a roda, reflete sobre o que ele poderia ter feito para evitar aquela situação ou para desfazer aquela rasteira. Pensa em como dar uma resposta àquela condição em que foi colocado. Ele dá a volta ao mundo porque entende que o mundo dá voltas: as vezes você está em cima, as vezes está embaixo; as vezes cai, as vezes derruba; as vezes ataca, as vezes é atacado; as vezes ri, as vezes chora.

A volta ao mundo é a afirmação da vida, tal como ela é. É a aceitação de que nada é permanente. Dá-se a volta e depois retorna-se ao pé do berimbau, cumprimenta seu camarada e retoma-se o jogo. Como é no jogo da vida.

Por mais que escrevamos sobre isso, não é possível expressar a força desse gesto, desse fundamento. Só a prática da capoeira pode nos dar a experiência de entender o que está sendo dito. Obviamente que todos compreendem intelectualmente o que foi explicado, mas, a compreensão emocional-sensorial, efetiva, só pode ser experienciada quando se realiza essa prática, quando a capoeira te toca, te invade. É uma mandinga; algo que precisa ser vivido na pele, na alma, continuamente. O esforço teórico de explicar é importante, mas não é capaz de esgotar a dimensão da experiência. Por mais que tentemos explicar como foi uma apresentação artística (um show, uma peça de teatro, um filme), ou ainda, como ela nos afetou, nos arrebatou, nunca é o suficiente para o outro conhecer a obra, é preciso

ter a experiência própria com a obra de arte, é assim que se vive a experiência artista.

No caso da capoeira, é um conhecimento que se aprende em grupo, com outros camaradas de capoeira. Não se aprende apenas vendo vídeos na internet ou lendo artigos como esse. Se aprende com o mestre, é transmitido do mais experiente ao menos experiente. Nesse sentido, entra o ponto da ancestralidade, ou seja, a continuidade dessa prática, que é passada pelo ancestral, ou seja, o guardião dessa tradição. Não porque ele tem autoridade gratuita sobre os mais novos, mas porque ele é o que teve mais experiência com esses fundamentos, por isso, é o mais apto a transmitir para os mais novos, perpetuando assim essa tradição, dando continuidade. O mestre ensina os discípulos a também serem mestres (guardiões da tradição), para que esse saber não se perca, não morra. Por isso os ancestrais estão sempre vivos, porque vivificam os fundamentos nas gerações presentes e vindouras.

Nesse sentido, a ancestralidade não está no passado, está em cada um que presentifica o saber e suas práticas. Nessa compreensão todos são ancestrais; os que já morreram, os que estão vivos e os que ainda vão nascer. Porque a ancestralidade é uma “linha” que atravessa passado, presente e futuro. Vale dizer que não devemos confundir esse conceito com o sentido biológico-geneticista que ele pode carregar, ou seja, a ancestralidade, em nossa concepção, não diz respeito à “linhagem de sangue” ou ao termo anticientífico (e racista) de raça. Ancestralidade é a decisão voluntária de perpetuar a tradição e seus fundamentos, para que sigam vivos e atuantes; é guardar e transmitir um legado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Obviamente que esse tipo de aprendizado demanda um tempo, uma abertura e um ambiente específico. Não é possível realizar tudo isso que estamos falando se estamos em uma sala de aula lotada, sem espaço para o movimento, sobrecarregados de tarefas burocráticas, entre outros fatores que mais tiram nossa liberdade do que a ampliam. Desse modo, é com pesar que afirmamos que no ambiente formal escolar apenas temos experiências pontuais com essa pedagogia da capoeira, ou do Kung fu.

Contudo, apesar das adversidades, entendemos que a escola é um ambiente no qual devemos investir nossas energias. Porque é o espaço onde estão a maioria dos jovens, inclusive aqueles que a sociedade rejeita ou menospreza. A escola não é um ambiente artificial, montado para ser perfeito para esse ensino libertador, emancipador, artístico e marcial... muito pelo contrário, é um ambiente repleto de problemas.

Justamente por isso a escola se faz um ambiente ideal para aprendermos a enfrentar as amarras da sociedade. Porque a escola é um ambiente controlado, mas que, apesar de tudo, ainda está inserido na sociedade. Por isso, nesse ambiente se expressam todos os problemas que temos na sociedade: violência, machismo, racismo, homofobia, preconceitos, divisão social, e todos os subprodutos da sociedade dividida em classes em que vivemos.

Dessa forma, estar na escola, seja na condição de estudante ou de educador, nos exige desenvolver um jeito de gingar, de jogar com esses limites, de escapar dessas amarras. Para aqueles que já se mecanizaram demais essa parece ser uma tarefa impossível. Porém, para aqueles que carregam vivas em si suas naturezas artística e combativa (que são inerentes a todo ser humano) esse ambiente se torna um desafio, um local rico para desenvolver nossa ginga, nossa malemolência, nossa filosofia.

É interessante notar que os jovens mantêm esta chama questionadora e inventiva muito mais acesa dentro de si. É justamente por isso que na escola, apesar de ser uma instituição repressora, é onde surgem inúmeros rompantes de liberdade, de enfrentamento, de inventividade, de luta. Por mais que as estruturas enrijecidas tentem controlar o ímpeto de insatisfação, indignação e rebeldia presente em todos jovens. Sobretudo na rede pública estadual, onde está a parcela mais sofrida da sociedade, os mais sofridos filhos da classe trabalhadora, em sua maioria negros, vivendo na pele as dores dessa sociedade injusta e desigual. Ou seja, esse ambiente é onde justamente estão aqueles que mais têm motivos para lutar, para enfrentar os problemas e suas causas; os que têm mais motivos para fazer filosofia, para serem artistas marciais.

Nossa tarefa como professores não é a de inflar a rebeldia desses jovens; isso, sequer, é necessário, ela já está presente dentro deles, é a própria sociedade desigual que gera essa sensação dentro deles. Nossa tarefa é apresentar as ferramentas para que eles aprendam

como, eles próprios, vão organizar suas insatisfações, como querem lidar e resolver os problemas que aparecem para eles. Problemas esses que não podem ser impostos, devem ser problemas que emergem do próprio estudante, deve ser um processo autêntico, assim como deve ser autêntica e legítima sua resposta. Eles que devem decidir como gerir e direcionar seus desejos, anseios e pulsões.

Se as ferramentas que apresentarmos não forem o suficiente, não derem conta, então eles devem ter as condições para criar suas próprias ferramentas. A tarefa do professor, ou do mestre, não é a de proteger o aluno, ou discípulo. A tarefa do mestre é criar as condições para que o próprio discípulo aprenda se defender, para que ele próprio aprenda lidar com as adversidades da vida e criar suas saídas para seus próprios problemas. Essa é a filosofia que defendemos em sala de aula e fora dela. Esse é o papel de filósofo que nos interessa: o filósofo como artista marcial.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABIB, Pedro Rodolpho Jungers. Capoeira Angola: Cultura popular e o jogo de saberes na roda. Salvador: EDUFBA, 2004.

ARAUJO, Felipe; CEPPAS, Filipe. A aula de filosofia como oficina de criação. Revista Ideação, Ed. Especial 2017, p.51-68, 2017.
Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.13102/ideac.v0i0.2986>>. Acesso em: 15 fev. 2018.

BERENSTEIN JACQUES, Paola. Estética da ginga. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2001.

CAMPANER, Sônia. *Filosofia: Ensinar e Aprender*. São Paulo: Livraria Saraiva. 2012.

CAPOEIRA, Nestor. *Capoeira: Os fundamentos da malícia*. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

DELEUZE, Gilles. *O Abecedário*. Disponível em: <www.dossie_deleuze.blogspot.com.br>. Acesso em: 23 fev. 2017.

DIAS, Rosa Maria. *Nietzsche: vida como obra de arte*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1989.

GALLO, Silvio. *Deleuze & a Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

GALLO, Silvio. *Filosofia e o exercício do pensamento conceitual na educação básica*. In: Revista educação e filosofia. Uberlândia: v. 22, n. 44, p. 55-78, jul./dez. 2008.

GALLO, Silvio. *Filosofia: experiência do pensamento – Manual do Professor*. São Paulo: Scipione. 2014.

GALLO, Silvio. *Metodologia do ensino de filosofia: uma didática para o ensino médio*. São Paulo: Papyrus Editora. 2013.

HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens – O jogo como elemento da cultura*. Trad. de João Paulo Monteiro. São Paulo: Perspectiva, 2007.

LEMINSKI, Paulo. *Vida: Cruz e Sousa, Bashô, Jesus e Trotsky – 4 Biografias*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã*. São Paulo: Ed. Estampa, 1975.

NIETZSCHE, Friedrich. *Obras incompletas*. Coleção Os Pensadores: seleção de textos de Gérard Lebrun. Tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999.

REGO, Waldeloir. *Capoeira Angola: ensaio sócio-etnográfico*. Salvador: Itapuã, 1968, coleção baiana.

TZU, Sun. *A arte da guerra*. tradução de Sueli Barros Cassal. Porto Alegre: L&PM, 2006.

VAZQUEZ, Adolfo Sanchez. *Filosofia da práxis*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1977.

Recebido em: 22-08-2019

Aprovado em: 07-11-2019